

O pranto de Gaia nas canções ecológicas de Roberto e Erasmo Carlos

 <https://doi.org/10.21814/anthropocenica.3764>

Sueli Meira Liebig

Universidade Estadual da Paraíba

Brasil

suelibig@hotmail.com

ORCID: 0000-0002-3117-9715

Resumo

Este artigo tem o propósito geral de mostrar como a preocupação com a má preservação do meio ambiente motivada pelo comportamento destrutivo dos seres humanos perante a Natureza reverbera nas canções dos cantores e compositores brasileiros Roberto e Erasmo Carlos. Procura fazê-lo, mais especificamente, através da análise das letras de nove das suas composições, de 1976 a 2002, que revelam uma mudança no estilo que caracterizou os sucessos da “Jovem Guarda” ou as canções eminentemente românticas que haviam assinalado as duas décadas anteriores das suas carreiras artísticas. Abordando a questão sob a luz da Ecologia Profunda, analisa-se aqui como estes músicos iniciaram uma onda de protesto contra a extinção iminente do Planeta Terra, em que sobressai o tom de revolta contra os crimes cometidos pela Humanidade contra Gaia, o seu próprio lar.

Palavras-chave

Gaia; Meio Ambiente; Ecologia Integral; Roberto Carlos, Erasmo Carlos; Canções.

Abstract

This article shows how the concern with the poor preservation of the environment, motivated by the wearisome behavior of the human beings in face of Nature reverberates in the songs of the Brazilian singers and composers Roberto and Erasmo Carlos. More specifically, aims to do it through the analysis of their lyrical compositions, from 1976 to 1976, which reveal a change in style that characterized the successes of the “Jovem Guarda” or the eminently romantic songs that had marked the previous two decades of their artistic careers. Approaching the issue in the light of Deep Ecology, it is analyzed here how these musicians started a wave of protest against the imminent extinction of Planet Earth, in which the tone of revolt against the crimes committed by Humanity against Gaia, its own home, stands out.

Keywords

Gaia; Environment; Deep Ecology; Roberto Carlos; Erasmo Carlos; Songs.

Introdução

Os estudos do físico alemão Winfried Otto Schümann (Volland, 2017) nos levaram ao conhecimento de que o planeta Terra está envolto por uma espécie de cinturão eletromagnético, que se origina da inter-relação entre o Sol, a Terra – com seus solos, o magma, as águas e os ecossistemas – e a parte inferior da

ionosfera.¹ Esse imenso campo eletromagnético, que se ergue do solo até cerca de 100 km acima de nós, pulsa, como se fosse o coração do planeta, e possui a frequência de ressonância de 7,83 Hz, que é equivalente à vibração das ondas cerebrais dos mamíferos, dentre eles o próprio ser humano, balanceando todas as relações que a vida tem com o conjunto de seres da natureza. Muitos acreditam que o próprio equilíbrio cardíaco e emocional dos seres vivos, especialmente o dos humanos, está ligado à *Ressonância Schumann*.² Esse equilíbrio é de extrema importância para a meteorologia, para regular as estações, os vulcões, as marés e a movimentação das placas tectônicas. Isto vem corroborar a ideia de que a Terra forma uma espécie de superorganismo vivo. De maneira lenta e progressiva, consoante com o pensamento de Rob Nixon (2011), o nosso planeta deixa de ser apenas Terra e vai se transformando em Gaia.³

Ocorre que a partir de 1980 o coração da Terra disparou. Passou de 7,8 hertz para 13. A alteração dessa ressonância magnética seria uma das causas dos desastres naturais, do superaquecimento global e das mudanças climáticas que culminam em certos comportamentos desviantes. O que pretendemos mostrar neste estudo é que anos antes da evidência desse desequilíbrio, em meados dos anos 1970, os compositores Roberto e Erasmo Carlos já se davam conta do potencial desastre que estaria por vir, fruto do comportamento desregrado do homem frente à natureza.

Análise e discussões:

Roberto e Erasmo Carlos compuseram em 1976 uma música que já vaticinava um futuro sombrio para a Humanidade e falava sobre as atrocidades perpetradas pelo ser humano contra o meio ambiente em nome do progresso. Nos versos da canção *O Progresso*, a advertência de que ninguém menos que o próprio sujeito humano seria o responsável direto pela progressiva destruição (Nixon, 2011) do nosso lar, Gaia. A música enfatiza os mares manchados de petróleo, os céus escuros de poluição, lembra o sumiço dos peixes, que estão desaparecendo dos rios, e das baleias, que escasseiam no mar, enquanto pede

¹ A ionosfera se localiza entre 60 e 1000 km de altitude e é composta de ions, plasma ionosférico e, devido à sua composição, reflete ondas de rádio até aproximadamente 30 MHz (Volland, 2017).

² A *Ressonância Schumann* é um conjunto de picos no espectro na ELF (banda de frequências extremamente baixas) do espectro do campo eletromagnético terrestre, formado pela superfície da Terra e pelas camadas inferiores da ionosfera (Volland, 2017)

³ Segundo o ex-frade, pesquisador e ecologista Leonardo Boff (2009: p. 28) Gaia viria a ser «(...) uma entidade complexa que abrange a biosfera, a atmosfera, os oceanos e o solo, elementos cuja totalidade constitui um elemento cibernético ou de realimentação que procura um meio físico e químico ótimo para a vida nesse planeta (...) A Terra e a humanidade são, portanto, “um único ser; complexo, diverso, contraditório e dotado de grande dinamismo. Finalmente, um único ser complexo chamado pelo conhecido cientista James Lovelock de Gaia.» (Boff, 2009, p. 49)

mais cuidado para com a natureza. Diante do excedente de capital decorrente do desenvolvimento tecnológico, o ser humano implanta o Sistema Capitalista e com sua inteligência domina a tecnologia, passando a fazer a transformação de bens e produtos e a sua comercialização. Consequência do crescimento econômico, o progresso chega trazendo consigo a ambição desmedida que faz com que os humanos agridam, devastem e destruam a natureza, sem se importar em conciliar o progresso com a preservação do meio ambiente para a salvaguarda de vidas futuras:

(...) Eu queria não ver **tantas nuvens escuras nos ares**
Navegar sem achar **tantas manchas de óleo nos mares**
E as **baleias desaparecendo**
Por falta de escrúpulos comerciais
Eu queria ser civilizado como os animais

Eu queria ser civilizado como os animais

(...) **Eu queria não ver todo o verde da terra morrendo**
E das águas dos rios os peixes desaparecendo
Eu queria gritar que esse tal de ouro negro
Não passa de um **negro veneno**
E sabemos que por tudo isso vivemos bem menos
Não sou contra o progresso
Mas apelo pro bom senso
Um erro não conserta o outro
Isso é o que eu penso

Eu não sou contra o progresso
Mas apelo pro bom senso
Um erro não conserta o outro
Isso é o que eu penso.
(Carlos, R. & Carlos, E., 1976. Grifos nossos)

Esse querer "não ver tantas nuvens escuras nos ares", querer "navegar sem achar tantas manchas de óleo nos mares", sem presenciar o desaparecimento das baleias "por falta de escrúpulos comerciais", dos versos inaugurais; ilustram a forma como os compositores encaram a deterioração do planeta, apresentando em suas canções, como veremos no decorrer deste trabalho, temas sociais, ambientais, religiosos e até filosóficos que desenham uma identidade artística singular, que não pode ser explicada pelos *clichês* costumeiros de alguns críticos que negam o engajamento e a originalidade de sua obra, apresentando um instigante conteúdo artístico, ético e filosófico.

Nos anos 60 do século passado a filosofia existencialista desfrutava uma segunda onda de popularidade, influenciando a participação política de estudantes e intelectuais com o conceito de engajamento e também a atitude de artistas, seja nas composições musicais, literárias ou cinematográficas. Esta

influência na cultura popular, como afirma Maria Lúcia Ferreira, «(...) reverbera também no circuito não europeu e chega ao Brasil» (2012, p. 89).

Partindo disto, este trabalho vai mostrar como as temáticas ambientais repercutem nas composições dessa dupla brasileira, através da análise dos conteúdos das letras de nove das suas canções, no período de 1976 a 2002, que apontam uma mudança do estilo que caracterizou os sucessos da Jovem Guarda ou as canções eminentemente românticas que marcaram as duas décadas anteriores das suas carreiras. Abordando a questão ecológica de modo holístico, os compositores iniciam uma onda de protesto contra a morte de Gaia em que se sobressai o tom de revolta pelos crimes praticados pela espécie humana contra o seu próprio lar:

Eu queria não ver todo o **verde** da terra morrendo/E das águas dos rios
os **peixes** desaparecendo/Eu queria gritar que esse tal de **ouro negro**
Não passa de um negro veneno/ E sabemos que por tudo isso
vivemos
bem menos...
(Carlos, R. & Carlos, E., 1976. (Grifos nossos)

Na visão da dupla os animais estão muito acima do ser humano quando se trata da preservação ambiental. Parece que a espécie animal, que não depreda nem destrói o meio físico em que vive, já se apercebeu antes de nós que a Humanidade caminha para a destruição da terra e a erradicação da vida no planeta: «Não sou contra o progresso/Mas apelo pro bom senso/Um erro não conserta o outro/Isso é o que eu penso.» (Carlos, R. & Carlos, E., 1976).

Utilizando-se de estratégias como a animalização e a humanização (Lacaz-Ruiz et al., 2018)⁴ os compositores colocam os animais no topo da escala evolutiva em relação ao homem: no dia em que conseguirmos ser «civilizados como os animais» estaremos despertando para um relacionamento benevolente para com a Terra e os ecossistemas, comportamento que nos fará salvar a nossa «casa comum» (Boff, 2009, p. 114) e garantir a nossa sobrevivência: «Não sou contra o progresso/ Mas **apelo pro bom senso** Um erro não conserta o outro/ Isso é o que eu penso», como diz a canção (Carlos R. & Carlos, E. , 1976. Grifo nosso).

Para grande parte das pessoas, a arte é uma maneira de expressar sentimentos, desejos, frustrações pessoais e/ou de criticar os problemas que afligem a sociedade. Vivemos numa sociedade cheia de problemas: miséria,

⁴ A animalização do homem é um fenômeno que pode ser abordado de diferentes maneiras. Desde a consideração do homem que é animalizado por realizar atos não humanos até àqueles que são tratados pela sociedade como animais, passando pela animalização na forma de fábulas ou das histórias em quadrinhos. Um outro aspeto que vale a pena considerar é o de abordar os animais com os critérios humanos; projetar atitudes e sentimentos humanos no animal. (Lacaz-Ruiz et al., 2018, p. 1).

guerras, racismo, homofobia, misoginia e padrões de beleza desumanos, só para citar alguns, estão aí para nos fazer crer que não podemos fazer nada para mudar o mundo. Mas podemos. Até as pequenas atitudes podem, sim, fazer a diferença. Através de suas canções, estes músicos conseguem mudar paradigmas, influenciar pessoas ou, pelo menos, inspirá-las a fazer algo pelo nosso planeta. Do ponto de vista ecológico tanto quanto do de preservação do espaço, os cantores Roberto e Erasmo, como que antecipando-se no tempo, valem-se dos acordes musicais para cantar a terra com todo o "verde" que ela precisa e merece ter. Em um planeta cada vez mais descrente e adepto do desenvolvimentismo, sucateado, enlameado e poluído, a sua música serviu – e ainda serve – de alerta e de alento.

Dois anos após o surgimento desse primeiro grande *hit* ecológico, no final dos anos 70, os compositores lançam, desta vez na voz de Erasmo Carlos, o rock *Panorama ecológico*, em que ironicamente lamentam a destruição da flora e da fauna e alertam para a degradação do meio ambiente em meio ao descaso de seres humanos "perfeitos", "imaculados" e "inteligentes":

Lá vem a temporada de flores/Trazendo begônias aflitas
Petúncias cansadas/Rosas malditas/Prímulas despetaladas
Margaridas sem miolo/Sempre-vivas quase mortas/E cravinas
tortas/Odoratas com

defeitos/**E homens perfeitos**

Lá vem a temporada de pássaros/Trazendo águias rasteiras
Graúnas malvadas/Pombas guerreiras/Canários pelados/Andorinhas
de rapina/Sanhaços

morgados/E pardais viciados/Curiós desafinados/**E homens
imaculados**

Lá vem a temporada de peixes/Trazendo garoupas suadas
Piranhas dormentes/Sardinhas inchadas/Trutas desiludidas
Tainhas abrutalhadas/Baleias entupidas/E lagostas afogadas

Barracudas deprimentes/**E homens inteligentes**

(Carlos R. & Carlos, E.,1978. Grifos nossos).

Esta música ganhou um clipe produzido e exibido no programa televisivo *Fantástico* em junho do mesmo ano. «Hoje sou bastante antenado com essas questões. Leio e me informo sobre os problemas», diz Erasmo em entrevista a Walmir Moratelli no site *iG*:

Desisti de falar dos problemas do mundo em músicas, porque não temos eco. O povo quer dança e comida. Nos anos 70, Roberto e eu fizemos várias músicas sobre ecologia. Ninguém prestou atenção. Hoje, Sting e Bono Vox cantam ecologia e o mundo começa a prestar atenção. Eu não tenho que falar da guerra do Iraque, apesar de já ter feito música sobre isso. Evito falar de coisas que não vivi, para não cair em clichês

(Moratelli, 2009, p. 2)

No ano seguinte, em 21 de dezembro de 1979 (ao referir-se ao “ano passado”, 1978, portanto há 41 anos), Roberto e Erasmo citavam a bolsa de valores de *Wall Street* em Nova Iorque e o dólar para dar o seu alerta quanto à agonia do planeta através da canção homônima, gravada para o LP anual em Los Angeles, EUA, nos estúdios Filways/Heider & AM, com participação do maestro Jimmy Wisner e do produtor Evandro Ribeiro. Os versos da canção atentam para a nocividade do capitalismo desenfreado em detrimento da vida, da ética e dos valores morais e cristãos em Gaia:

O ouro no ano passado subiu sem parar/Os gritos na bolsa falaram de outros valores/Corpos estranhos no ar/Silenciosos voadores/Quem sabe olhando o futuro do ano passado

O mar quase morre de sede no ano passado/Os rios ficaram doentes com tanto veneno/**Diante da economia/Quem pensa em ecologia/Se o dólar é verde e é mais forte que o verde que havia?**

O que será o futuro que hoje se faz/A natureza as crianças e os animais?/Quantas baleias queriam nadar como antes/ Quem inventou o fuzil de matar elefantes?/Quem padeceu de insônia/Com a sorte da Amazônia/Na lei do machado, o mais forte do ano passado?

Não adianta soprar a fumaça do ar/(...)/Quem sabe um museu no futuro/Vai guardar em lugar seguro/Um **As chaminés do progresso não podem parar** pouco de ar puro/reliquia do ano passado?

O que será o futuro que hoje se faz? A natureza, as crianças e os animais?
(Carlos, R. & Carlos, E., 1979. Grifos nossos)

O modelo de organização econômica e social adotado no pós-guerra pelo Brasil e muitos outros países da América Latina revela marcantes características comuns, embora o peso de cada uma delas tenha variado entre os países. Entre eles está o fato de que o desenvolvimento deveria ser perseguido a qualquer custo; privilegiava-se o crescimento quantitativo sobre o qualitativo. Como consequência disto, não importava o meio utilizado para o seu financiamento. De acordo com o ex-ministro da economia Marcílio Marques Moreira (1993, p. 121), «recorreu-se sem escrúpulos à *inflação* e ao desregrado *endividamento externo* (grifos do autor) e desdenharam-se formas mais sadias de financiá-lo, com a tributação e o mercado de capitais». Assim, o desenvolvimento identificava-se exclusivamente com a industrialização. A agricultura e o sistema de distribuição, por exemplo, foram relegados a segundo plano, com nefastas consequências em termos de perda de produção e de produtividade, gerando taxas absurdas de desperdício e de ineficiência. O país, com vastos recursos naturais e humanos e amplo mercado doméstico, dizia não precisar preocupar-

se com o «resto do mundo» (Rattner, 1984, p. 6). O Estado foi efetivamente modernizado, tendo exercido durante certos períodos com grande eficácia o papel de fomentador do desenvolvimento. Chegou a ser fonte importante de poupança e de investimento. Muitas empresas estatais tornaram-se modelares em comparação com suas congêneres no mundo em desenvolvimento. Mas enquanto o crescimento econômico era enfatizado, houve um crescente menosprezo pela dimensão social do desenvolvimento e a mais flagrante consequência desse desprezo manifestou-se na baixíssima prioridade dispensada à educação, sobretudo à educação básica (Rattner, 1984, p.7). O fenômeno foi mais além e atingiu também os setores da saúde preventiva, do saneamento básico, da habitação, do transporte público e da segurança, levando os compositores a perguntar no pertinente refrão: «O que será do futuro que hoje se faz/ A natureza, as crianças e os animais?» (Carlos, R. & Carlos, E., 1979).

Na década seguinte, mais precisamente em 1981, a faixa mais mítica do álbum é sem dúvida *As Baleias*. Quatro anos mais tarde, em 1985, a associação ecológica *Greenpeace* irá ganhar uma batalha na defesa das baleias: «Recorria-se a cientistas para saber quantas baleias podiam ser abatidas em cada temporada, sem correr o risco da sua extinção» (Bursztyn & Persegona, 2008, p. 200). Todos os anos os cientistas recomendavam capturas cada vez mais reduzidas e países baleeiros como a União Soviética e a Noruega ignoravam suas recomendações, abatendo sempre mais. Em decorrência, a *Greenpeace* interveio e conseguiu reduzir consideravelmente a matança indiscriminada desses cetáceos a cada ano. Naquele ano entrou em vigor uma interdição da caça comercial da baleia por 10 anos, embora algumas nações, incluindo o Japão, continuassem com o abate. Em um contexto em que as causas ecológicas e de proteção aos animais ainda não tinham a atenção devida, a dupla Roberto e Erasmo Carlos já apelava para a consciência e a sensibilidade das pessoas quando denunciava as atrocidades dessa caça predatória, num refrão plangente e desolador:

Seus netos vão **lhe perguntar** em poucos anos
Pelas baleias que cruzavam os oceanos
Que eles viram em velhos livros,
Ou nos filmes dos arquivos
Dos programas vespertinos da televisão

O gosto amargo do silêncio em sua boca
Vai te levar de volta ao mar e à **fúria louca**
De uma **cauda exposta aos ventos**
Em seus **últimos momentos**
Relembra num **troféu em forma de arpão**
(Carlos, R. & Carlos, E., 1981. Grifos nossos)

Leonardo Boff (2009) nos diz que a ecologia dá corpo a preocupações éticas cobradas por todos os saberes, poderes e instituições à medida em que cada uma colabora para a salvaguarda da natureza ameaçada. A partir dessa preocupação ética de responsabilidade e de cuidado para com a criação, a ecologia crava o seu primeiro estágio na forma de um movimento verde, ou seja, a partir da preocupação com a proteção e conservação das espécies em extinção. Estes compositores/cantores utilizam-se dos seus versos para defender a qualidade de vida na Terra e o direito à vida de seres indefesos ao questionarem nos versos da canção *As Baleias*: «como é possível que você tenha coragem/ de não deixar nascer a vida que se faz/ em outra vida que sem ter lugar seguro/ te pede a chance de existência no futuro?» (Carlos, R. & Carlos, E., 1981).

O apelo, eivado de sentimentalismo, intenta conscientizar e sensibilizar o ser humano para a causa, o direito e a ética animais. Chega de tanto sangue dos inocentes derramado em nome da ganância e em detrimento do equilíbrio do ecossistema. Não se trata apenas de meramente gerir os recursos de que dispomos, como observa Leonardo Boff no trecho a seguir:

Devemos ultrapassar o conceito convencional de ecologia como uma técnica de gerenciamento de recursos escassos. Devemos assumi-la como uma arte, um novo paradigma de relacionamento com a Terra, com os processos produtivos, em harmonia com os sistemas vivos e com a equidade social (2009, p. 104).

Para além disto, a ecologia deve ser tangenciada como uma nova maneira de o ser humano relacionar-se com o seu lar, Gaia, em um processo de mudança social que implique no estabelecimento de uma nova ordem, a exemplo do reconhecimento direito e da dignidade animais, da consciência da importância e da preservação dos ecossistemas, da sustentabilidade e da igualdade social.

Na mesma esteira de Boff, os compositores questionam que «ainda é tempo de ouvir a voz dos ventos, numa canção que fala muito mais de amor» (Carlos, R. & Carlos, E., 1981). E que “arte” mais bonita do que o cuidado e o amor para com a nossa mãe Terra?

Ora, todos moramos juntos na casa comum que é Gaia. Somos interdependentes e nos ajudamos mutuamente quanto à alimentação, à reprodução e à evolução. Essas relações formam o meio ambiente, que na verdade pode ser considerado o ambiente total, já que engloba todos os seres e a comunidade de vida, com seus substratos físicos e químicos. Todos esses elementos formam a biota, um grande sistema dinâmico autorregulável. Sendo assim, por que não falar de amor, se ele é a mola que impulsiona o mundo?

Reportando-nos a esse nobre sentimento que é o amor, vamos encontrar os compositores, ainda no ano de 1985, preocupados com a ausência de tal sentimento nos corações dos homens, o que os leva às guerras. Eles conclamam os ouvintes a promover a paz na terra, provavelmente inspirados por movimentos como o Tratado de Zona Livre de Elementos Nucleares do Pacífico

Sul, ocorrido no ano seguinte (Bursztyn & Persegona, 2008), que estabelecia o *Pacífico Sul* como livre de armas nucleares. Outros fatores como a explosão de Chernobyl, (Le Prestre, 2001) e a Convenção sobre acidentes nucleares de Viena, também ocorridos em 1986 (Le Prestre, 2001), visavam a proteger a vida contra as emissões radiológicas. A letra da canção *Paz na Terra* (1985), atesta a aguçada percepção dos compositores, quando um ano antes dessas tragédias já se dirigem às autoridades num comovente apelo contra o *nonsense* da criação do aparato bélico e do perigo representado pelo seu armazenamento:

Mas que animal estranho é o homem/Que procura a vida prolongar/
Permitindo abusos da ciência/ **Absurdos nucleares/ E outras formas de matar**/Enlouquecidos e em conflito/falam de armas no infinito/Nas estrelas não eu peço eu peço/**Não deixem que o azul do céu se inflame/E o sangue de inocentes se derrame**/Deus é pai ao amor não faz a guerra/Peço paz irmãos aqui na terra, na terra. (Carlos, R. & Carlos, E., 1985. Grifos nossos)

Boff (2009, p. 95) observa que «O que importa dizer é que não acaba o *mundo*, mas pode acabar *este tipo* de mundo insensato que ama a guerra e a destruição em massa». A exemplo dos compositores de *Paz na Terra*, o ecologista nos convida igualmente a inaugurar um mundo humano que ame a vida, dessacralize a violência e tenha «cuidado e piedade» para com todos os outros seres.

Ao consultar o ano de 1986 na antecitada cronologia ecológica *A Grande Transformação Ambiental* (Bursztyn & Persegona, 2008), encontramos duas ocorrências impactantes para o planeta: o vazamento de substâncias químicas das indústrias Sandoz na Suíça, acarretando a mortandade de mais de meio milhão de peixes no Rio Reno – que jamais recuperou seu equilíbrio ecológico – e a explosão do reator número 4 do Complexo Nuclear de Chernobyl, na Ucrânia. O acidente provocou 31 mortes, foram contaminados 10 mil km quadrados, 135 mil pessoas foram evacuadas e 600 mil atingidas pelas radiações. Neste mesmo ano foram criados em diversas partes do mundo fóruns de discussões, medidas protetivas e leis ambientais que visavam à preservação e à sustentabilidade da Terra: a Convenção sobre Acidentes Nucleares em Viena (Le Prestre, 2001); a Convenção de Proteção dos recursos naturais do Pacífico Sul (Bursztyn & Persegona, 2008); a criação do Parque Nacional da Lagoa do Peixe, no RS (Bursztyn & Persegona, 2008); o Planejamento Emergencial e Direito de Informação (EPCRA - EUA) (Bursztyn & Persegona, 2008); a entrada em vigor da Moratória Mundial da Comissão Baleeira Internacional (Bursztyn & Persegona, 2008); começa também a vigorar a Lei de Proteção aos Animais Utilizados para fins Experimentais ou Científicos (Bursztyn & Persegona, 2008); os estudos sobre o impacto ambiental no Brasil (Drummond, 1999). Toda essa conjuntura é resultado da constatação de que Gaia está enferma e, portanto, precisando de cuidados urgentes. Se nada fizermos, estaremos indo de encontro

a um colapso generalizado, ao Apocalipse, à morte de Gaia. De acordo com o Dicionário Oxford (2010), o termo “Apocalipse”, refere-se a

(...) acontecimento catastrófico, geralmente relativo ao fim do mundo ou à extinção da humanidade. [Religião] Último livro do Novo Testamento, de sentido simbólico, que contém as revelações sobre o destino da humanidade, feitas a São João, o Evangelista, na ilha de Patmos. [Religião] Representação em imagens dos acontecimentos desse livro. Linguagem obscura, sibilina, de difícil compreensão. [Por Extensão] Narração profética e obscura, repleta de figuras de linguagem, em que as forças do mal saem vitoriosas em relação ao bem (p. 138).

Por extensão, passou-se a designar de Apocalipse os relatos escritos dessas revelações. Devido ao fato de na maioria das bíblias em língua portuguesa se usar o título “Apocalipse” e não “Revelação”, o significado da palavra ficou obscuro, sendo às vezes usado como sinônimo de “fim do mundo”. A dupla Roberto e Erasmo compôs a canção com este nome para nos advertir de que o final dos tempos estaria próximo:

Perto do fim do mundo/Como negar o fato /Como pedir socorro/Como saber exato **O pouco tempo/Que resta/Só vai sobrar O** que presta / Perto do fim do mundo/Quem quer correr não pode/Onde há fumaça, há fogo/Quando a verdade explode Muitos não querem ver/Mentes em eclipse/ **Mas tudo está escrito/No apocalipse**

Olho os jornais e estremeço/Todo final tem seu começo/Taças amargas derramadas/**Profecias confirmadas/ alertam Que é o fim da estrada/**Tempo de dor/ Falta de amor (Carlos, R. & Carlos, E., 1986. Grifos nossos)

Os organismos internacionais mais competentes (o Banco Mundial, o PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento; a OMI – Organização Marítima Internacional; a UNIDO – Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial; a FAO – Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação; o ONU-HABITAT – Programa das Nações Unidas para Assentamentos Humanos; a UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura e a AIEA – Agência Internacional de Energia Atômica) já deram o seu alerta a respeito da possível extinção de Gaia. Essas organizações acompanham permanentemente o estado de saúde do planeta e já sinalizaram um eventual fim dos tempos, a menos que se consiga estabilizar a crescente onda de degradação em que a Terra se encontra. A letra da canção segue ilustrando isto:

Perto do fim do mundo/Drogas num mar sem porto
A violência, o crime/Na aprovação do aborto
Por tudo isso/Se a terra treme/Só quem não deve
Não teme

Olho os jornais e estremeço/ Todo final tem seu começo Taças
amargas
derramadas/ Profecias confirmadas

Alertam Que é o fim da estrada/ **Tempo de do
Falta de amor**

Pra quem seguir Seus passos/ E o Seu amor profundo
Ele virá trazendo/ A luz de um novo mundo

Perto do fim do mundo/ Como negar o fato...
Perto do fim do mundo/ **Quando a verdade explode...**
(Carlos, R. & Carlos, E., 1986. Grifos nossos)

Assim, se levarmos adiante o nosso sentido de ser e se dermos vazão à nossa lógica de mercado, ao capital especulativo e acelerarmos nossa maquinaria produtivista e consumista, chegaremos indubitavelmente a efeitos catastróficos para a natureza e para a vida no planeta: desertificação, desflorestamento, aquecimento global, superpopulação, desigualdades sociais, fome, conflitos generalizados, degradação das relações entre os poderes mundiais, destruição das forças produtivas e, enfim, o caos.

Os dados do CCIP – Painel Intergovernamental das Mudanças Climáticas – atestam que ultrapassamos todos os limites e que não conseguiremos mais parar a roda, apenas reduzir a sua velocidade (Ambrizzi & Araújo, 2014). Irreversível e fatalmente, a terra esquentará a 6 graus Celsius no final deste século, o que causará intensas migrações para as regiões mais frias do planeta, e que representa, na interpretação de James Lovelock, «a vingança de Gaia» (2006, p. 140).

Debruçando-nos uma vez mais sobre o pioneirismo dos temas ecológicos nas letras das canções de Roberto e Erasmo Carlos, entrevemos uma preocupação com a questão do índio evidenciada na canção *Águia Dourada* (1987) e constatamos que os indígenas são também alvo de preocupação da Constituição de 1988, que os reconheceu oficialmente como povos culturalmente diferenciados (Bursztyrn & Persegona, 2008), determinando que tal diversidade fosse respeitada, sem exigir que eles se adequassem aos hábitos dos homens brancos. A esta altura perguntamo-nos se a música da dupla, composta, gravada e amplamente veiculada pelas rádios em 1987, não teria sido um vetor a impulsionar a opinião dos políticos em defesa dos direitos da comunidade indígena brasileira no ano seguinte?

A canção compara o índio a um pássaro bastante imponente, a águia, ave que costuma ser utilizada como símbolo em vários contextos e culturas. Segundo o *Dictionary of Symbols* de Juan Eduardo Cirlot,

Símbolo das alturas, do espírito do sol e do princípio da espiritualidade em geral (...) a águia é um pássaro que vive em plena luz do sol e por isto é considerada luminosa em sua essência, compartilhando dos elementos do ar e do fogo. (...) Além disto, é caracterizada pelo seu voo ousado, sua velocidade, sua associação com o raio e o trovão. Isto significa, portanto, o ritmo da nobreza heroica. Do remoto Oriente à Europa ocidental, a águia é a ave associada aos deuses do poder e da guerra. O seu equivalente no ar é o leão na terra; daí ser retratada algumas vezes com uma cabeça leonina. Na América pré-colombiana, a águia tinha um simbolismo semelhante, significando a luta entre o princípio humano e o divino, entre o plano celestial e o mundano. (...) Semelhantemente, no cristianismo ela desempenha o papel de mensageira do paraíso. (...) Grosso modo, acreditava-se que por voar mais alto do que as outras aves, seria considerada a mais fiel expressão da majestade divina. (...) A habilidade de voar e fulminar, de se sobrepôr para dominar e destruir forças as mais básicas sem dúvida é a característica essencial de todo o simbolismo que envolve o termo. (Cirlot, 2001, pp. 91-93; tradução nossa)

Isso faz da águia uma ave mediadora entre os reinos divino e espiritual. O seu sentido aguçado ainda permite que ela se antecipe aos ataques de outras aves de rapina na disputa por territórios, no que podem ser comparadas aos brancos e índios na disputa pela terra, que na grande maioria dos casos pertence por legitimidade aos últimos. Vejamos o que diz a letra:

Águia bonita que voa no espaço/Aqui da Terra vejo passar
Riscando o azul, dourado traço/Linha ascendente no ar
Eu sou um Índio e aqui do asfalto/lho no alto caminhos seus
Meus pensamentos sempre te encontram/Voando perto de Deus

Rápido como um raio/Repentino como um trovão
Veloz como a águia dourada/Na imensidão

Mostra a esse povo civilizado/Que todo índio sabe viver
Com a natureza sempre a seu lado/E olhando o céu pode ver

Que o vento sopra e a chuva cai/As nuvens passam e você vai
Asas abertas, força e coragem/Vão nesse rumo de paz

Rápido com um **raio**/Repentino como um **trovão**
Veloz como a águia dourada/Na **imensidão**
(Carlos, R. & Carlos, E., 1987. Grifos nossos)

Há que se dizer que é uma mensagem ecológica, mas também é extremamente espiritualizada, na medida em que a águia, tanto quanto o índio, nos ensinam com os seus próprios exemplos de vida como devemos fazer para não nos conduzirmos por caminhos espinhosos em nosso processo evolutivo.

Vinda de uma dupla extremamente adepta aos ensinamentos espiritualistas-religiosos, esta é uma mensagem que nos dá ânimo de vida e nos ensina a amar e a respeitar a natureza, os animais e todas as coisas feitas pelo criador:

Natureza que reclama/Flores, folhas, verde vida
Rios, mares se derramam pela terra tão ferida
Ventos pedem, choram e chamam

Águia, me mostra no meu caminho/Como se pouso longe do
espinho/**Como se luta por esse mundo**
Como se salva esse ninho

Rápido com um raio/Repentino como um trovão
Veloz como a águia dourada/Na imensidão (...)
(Carlos, R. & Carlos, E., 1987. Grifos nossos)

Como "salvar esse ninho" que não é outro senão Gaia, o nosso próprio lar?
Então, como podemos "lutar por esse mundo"?

Tomemos como paradigma a maior floresta tropical do mundo, a Amazônia. Segundo dados do IBEF – Instituto Brasileiro Espaço Futuro (2018), ela é uma floresta latifoliada húmida, que cobre a maior parte da Bacia Amazônica da América do Sul. Esta bacia abrange 7 milhões de quilômetros quadrados, dos quais 5 milhões e meio são cobertos pela floresta tropical. Esta região inclui territórios pertencentes a nove nações. A maioria das florestas está contida dentro do Brasil, com 60%, seguida pelo Peru com 13%. Partes menores encontram-se na Colômbia, Venezuela, Equador, Bolívia, Guiana, Suriname e França (Guiana Francesa). Estados ou departamentos de quatro nações vizinhas do Brasil têm o nome de Amazonas por isso.

Abrigando o maior patrimônio hídrico e genético do planeta, a região compreende vários tipos de solo e de floresta: várzea, terra firme, igapó, campina, caatinga, cerrado e manguezal, que comportam uma espantosa biomassa composta de mais de 60 mil espécies de plantas, 2,5 milhões de espécies de artrópodes, como insetos, aranhas e centopeias, 2 mil espécies de peixes, mais de 300 espécies de mamíferos e um número sem-fim de micro-organismos (Ricardo & Campanille, 2008).

Apesar de tanta exuberância, o solo amazonense é frágil e requer cuidados especiais. Enquanto manejada pelos povos indígenas durante milhares de anos, a Amazônia foi dotada de ilhas de recursos, onde criaram-se condições favoráveis ao desenvolvimento de espécies vegetais úteis como o babaçu, a palmeira, o bambu e os bosques de castanheiras e frutas. Por mais de um milênio os tupis-guaranis dominaram um vastíssimo território que iam dos contrafortes andinos do Rio Amazonas até as bacias do Paraguai e do Paraná, um verdadeiro império onde indígenas e floresta se condicionavam reciprocamente, onde a natureza falava e o ser humano entendia sua voz e sua

mensagem. Por isto há sábias lições que precisamos aprender deles face às atuais ameaças ambientais contra a Amazônia. Importa entender a terra como os índios a entendem e como a letra da canção *Amazônia* (1989) a retrata: Não como algo inerte, com recursos ilimitados, mas como algo vivo, a ser respeitado em sua integridade. Se uma árvore é cortada, faz-se um rito de desculpa para resgatar a aliança de amizade com ela:

Tanto amor perdido no mundo/**Verdadeira selva de enganos**/A visão cruel e deserta/**De um futuro de poucos anos/Sangue verde derramado/ O solo manchado/Feridas na selva/a lei do machado**/Avalanches de desastros/Numa ambição desmedida/Absurdos contra os destinos/de tantas fontes de vida

Quanta falta de juízo/ tolices fatais/**quem desmata, mata/não sabe o que faz**/Como dormir e sonhar/ quando a fumaça no ar /arde nos olhos de quem pode ver

Terríveis sinais, de alerta, desperta/pra selva viver/Amazônia, insônia do mundo/**Amazônia, insônia do mundo** (...) (Carlos, R. & Carlos, E., 1989. Grifos nossos)

A destruição de florestas tropicais, além de reduzir a biodiversidade do planeta, causa erosão dos solos, degrada áreas de bacias hidrográficas, libera gás carbônico para a atmosfera e causa desequilíbrio social e ambiental. A redução da umidade na Amazônia faz reduzir as chuvas na região Centro-Sul brasileira. O desmatamento e o incêndio são o símbolo da nossa incapacidade de compreender a delicadeza e a instabilidade do ecossistema amazônico e como tratá-lo. A maior parte do desmatamento na região ocorre em pequenas áreas. Se o ritmo atual de desmatamento for mantido, parte do potencial florestal brasileiro corre o risco de desaparecer antes mesmo de se tornar conhecido, e o Brasil pode nunca se beneficiar do potencial da Amazônia – que está desaparecendo num ritmo contínuo e acelerado. O risco de extinção é claro e pode comprometer o desenvolvimento científico e a saúde de todo o planeta, como adverte a letra de *Amazônia*:

Todos os gigantes tombados/deram suas folhas ao vento/
Folhas são **bilhetes deixados/aos homens** do nosso tempo

Quantos anjos queridos/guerreiros de fato/ de morte feridos/no mato/**Como dormir e sonhar/Quando a fumaça no ar/arde nos olhos de quem pode ver**

Terríveis sinais, de alerta, desperta/pra selva viver
Amazônia, insônia do mundo/Amazônia, insônia do mundo (...) (Carlos, R & Carlos,E., 1989. Grifos nossos)

A Amazônia pode até não ser o «pulmão do mundo», como muitos dizem, mas certamente sua rápida degradação tem se tornado motivo de «insônia do mundo». Ela, com certeza, presta serviços ambientais importantíssimos ao Brasil e ao Planeta. Essa vastidão verde que se estende por mais de cinco milhões de quilômetros quadrados é um lençol térmico engendrado pela natureza para que os raios solares não atinjam o solo, propiciando a vida da mais exuberante floresta da Terra e auxiliando na regulação da temperatura do globo terrestre.

Com requintes de selvageria, mesmo depois de abatida em sua pujança – e à semelhança de muitas mulheres vitimizadas, literalmente “estupradas” por madeireiros sem nenhum escrúpulo – ainda assim ateiam-lhe fogo às vestes cor de esmeralda, abrindo passagem aos forasteiros que a devassam de maneira humilhante, ao semear capim e soja por sobre as cinzas das suas majestosas castanheiras ancestrais. Como diz a “Carta Aberta de Artistas Brasileiros Sobre a Devastação da Amazônia” (Duarte, 2007), mesmo depois de o sangue de Chico Mendes ter selado um pacto de harmonia entre o homem e a natureza, entre seringueiros e indígenas, mesmo depois da aliança dos povos da floresta pelo direito de manter nossas florestas soerguidas – porque delas dependemos para viver– mesmo depois de inúmeras sagas cheias de heroísmo, morte e paixão pela Amazônia, a devastação continua: «Como dormir e sonhar/ quando a fumaça no ar/ arde nos olhos de quem pode ver/ **Terríveis sinais de alerta/ despertam/ para a selva viver...** Amazônia, insônia do mundo...» (Carlos, R. & Carlos, E., 1989. Grifos nossos). Esta canção nunca fez tanto sentido como nos dias de hoje. Responsável por um quinto de toda água doce do planeta e de um terço da floresta tropical, a Amazônia é sim, o maior exemplo de biodiversidade do mundo, e o desejo de preservá-la tem que partir das autoridades tanto quanto do povo brasileiro.

Atingimos o terceiro milênio e a agonia e o choro de Gaia se intensificam. A Terra está enferma e ameaçada e isto torna todos nós, seus filhos, também vulneráveis. Há quem diga que o nosso destino será desaparecer, como aconteceu aos dinossauros na última era geológica. Christian de Duve, bioquímico belga reconhecido prêmio Nobel de fisiologia em 1974, em seu aclamado *Poeira Vital* (1997, p. 335), assegura que «(...) a evolução biológica marcha em ritmo acelerado para uma grande instabilidade; de certa forma nosso tempo lembra uma daquelas importantes rupturas na evolução, assinalada por extinções maciças». Complementando o pensamento de Duve, lembremos da visão de Boff (2009, p. 87) quando comenta que «(...) antigamente eram os meteoros rasantes que ameaçavam a Terra, hoje o meteoro rasante se chama ser humano».

Após citar nomes de famosos cientistas, naturalistas e historiadores sobre a concreta possibilidade de desaparecimento da espécie *Homo sapiens* da face da Terra, Boff (2009) analisa as consequências de tal desaparecimento,

tanto à luz da ciência, quanto do ponto de vista da teologia cristã. Não poderia ser diferente: Como professor de ética, filosofia e religião da UERJ, ele fatalmente interpretaria a questão sob estas duas vertentes. Cientificamente falando, ele nos diz que o ser humano é o ser da natureza mais complexo que já existiu: complexo em seu corpo, formado por 30 milhões de células em constante renovação; em seu cérebro de 100 milhões de neurônios em contínua sinapse; em sua psique, dotada de sonhos, emoções, arquétipos, símbolos e ideias, tudo isso produto da interação consigo próprio e com o mundo ao seu redor, como também complexo em seu espírito, capaz de captar o todo e sentir-se parte dele e de identificar o elo que une todas as coisas e suscitam sentimentos de veneração face à grandeza do cosmos.

Sem este ser de inteligência inigualável o universo perderia algo inestimável: toda a criatividade por ele produzida, como por exemplo uma tela de Di Cavalcanti, uma sinfonia de Beethoven, a construção de um canal de TV, as grandes realizações artísticas, sociais, políticas, os feitos dos grandes atletas, enfim, para sempre teriam desaparecido as referências de figuras exponenciais como as de seres humanos entregues ao amor, à compaixão, ao cuidado e à proteção da vida como Buda, Moisés, Jesus, Maomé, Francisco de Assis, Gandhi, entre tantos outros.

Na hipótese de que o ser humano venha a desaparecer como espécie, nos lembra o estudioso, mesmo assim o amor ao próximo e a inteligibilidade serão preservados. Isto porque eles estão em primeiro lugar no universo e depois no homem. Ele explica que quando nos primeiríssimos momentos após a grande explosão, *top quark*,⁵ prótons (veja justificativa no rodapé) e outras partículas elementares começaram a interagir, surgiram campos de relações e unidades de informação e ordens mínimas de complexidade.

Assim se manifestou aquilo que depois se chamaria de espírito, ou seja, a capacidade de criar unidades e quadros de ordem e de sentido. Segundo Boff, ao desaparecer em sua expressão humana, isso emergiria, um dia, talvez em milhões de anos de evolução, em algum ser também altamente complexo. Este seria o já tão propalado «pós-humano»⁶ (Leite, 2018), um ser que, em termos,

⁵ Até bem pouco tempo, cerca de meio século atrás, acreditava-se que a matéria era composta principalmente por prótons, nêutrons e elétrons. Porém o estudo das radiações nucleares e de choques entre partículas revelava diversos novos componentes da matéria. A partir da análise de diversas colisões e novos componentes dos átomos como neutrinos e gluons, por exemplo, foi sugerido que o núcleo seria composto fundamentalmente por quarks. Top quarks são, portanto, os mais pesados de todos os quarks, sua massa é igual a de um átomo de ouro (Vianna, 2016).

⁶ O pós-humanismo reúne um conjunto de intérpretes do contexto tecnocientífico, que tenta responder à impotência do sujeito tradicional em bem compreender o fenômeno humano. Adentrando a um outro e novo campo, não mais humano, o maquínico, possivelmente seremos seres humanos melhorados, aperfeiçoados com aspectos inéditos, com superação dos erros peculiares da espécie *Homo sapiens*. A possível hibridação entre o homem e a máquina parece inevitável, o que afasta a condição humana de uma suposta pureza ontológica e traz o

seria capaz ou estaria dotado de elementos físicos e mentais capazes de viver em um planeta legado pelo ser humano e do qual a ficção científica já se encarrega há certo tempo. (Leite, 2018), um ser que, em termos, seria capaz ou estaria dotado de elementos físicos e mentais capazes de viver em um planeta legado pelo ser humano e do qual a ficção científica já se encarrega há certo tempo.

No início deste novo milênio, em 2002, a dupla Roberto e Erasmo Carlos começa a preocupar-se com estas questões e lança a música intitulada *Seres Humanos*, que traz uma visão bastante polêmica da posição ecológica/política/filosófica/religiosa até então adotada pela dupla em suas canções. Com uma base de hip hop estilizado, usando o cantar-fala do rap, a letra mostra que eles adotaram uma postura mais ecumênica em relação à religião e, portanto, mais crítica em relação ao catolicismo, algo que Roberto também deixou claro em um dos seus shows ao ar livre: antes de cantar *Jesus Cristo*, ele se dirigiu ao público dizendo que as duas coisas mais importantes eram o amor e Jesus, sem intermediários. Como o empresário de Roberto, Dody Sirena, explicou em entrevista veiculada pela coluna "Na Mira", no site da Globonews, o cantor não mais aceita alguns dos dogmas católicos: «Roberto não acredita mais em milagres, essa é uma das coisas que não aceita. Hoje, está aberto a outros ensinamentos, o que inclui o espiritismo», disse Sirena. E acrescentou: «Ele agora lê a Bíblia com espírito crítico, não mais com a fé cega» (Carlos, R. & Carlos, E. 2003). Segundo Sirena, o espírito mais crítico se manifesta até nas missas que, todo domingo, Roberto realiza na capela de seu estúdio.

Pensamentos presentes na letra de *Seres humanos*, já em suas primeiras estrofes, vão de encontro à ideia do pecado original: «Que negócio é esse de que somos culpados/De tudo que há de errado sobre a face da Terra». (Carlos, R. & Carlos, E., 2003). Em outro trecho ela assume uma postura ecumênica: «Católicos, judeus, espíritas e ateus/Somos maravilhosos/Afinal somos filhos de Deus». (Carlos, R. & Carlos, E., 2003).

Preocupando-se com a questão de como a teologia cristã vê o eventual fim da espécie, Boff, L. (2009, p. 93) situa a pergunta em sua tradição histórica e nos lembra que sempre que uma cultura entra em crise, como a nossa, faz suscitar mitos de fim de mundo e de destruição da espécie. Usa-se então um recurso literário conhecido como predições de fim de mundo: «(...) relatos patéticos de visões e de intervenções de anjos que se comunicam para anunciar mudanças iminentes e preparar a humanidade», assegura o autor (Boff, L., 2009, p. 93).

Mas, e se desaparecermos, como se há de interpretar isso? Boff (2009, p. 94) nos diz que se chegar a nossa vez de desaparecer, no processo de evolução,

questionamento sobre a primazia metafísica do humano e do seu direito natural de conquista e domínio sobre o resto da natureza do planeta (Leite, 2018).

já que há sempre espécies desaparecendo, isso não será uma tragédia absoluta, uma vez que há pouco mais de 2.000 anos esta tragédia já se perpetrou quando assassinamos o filho de Deus. Só ali se formalizou o pecado original que, para além de qualquer interpretação mítica, é um processo histórico de negação da vida. E o mesmo Boff aduziu: «Mesmo que a espécie mate a si mesma, ela não conseguirá matar tudo dela, só matará o que é. Não pode matar aquilo que ainda não é: as virtualidades escondidas nela e que querem se realizar.» (Boff, 2009, p. 93). O professor segue conjecturando acerca da morte e sua função libertadora. Para ele, a morte não separa corpo e alma; o ser humano é um ser unitário com muitas dimensões. O que a morte separa é o tempo da eternidade. Ao morrer, o ser humano deixa o tempo e penetra na eternidade. Caindo as barreiras espaço-temporais, as virtualidades aprisionadas podem desabrochar em todo o seu vigor. Só então nasceremos como seres humanos plenos.

Roberto e Erasmo parecem se aperceber dessas filigranas que compõem a essência do ser humano, quando na letra desta canção observam que “não somos perfeitos **ainda**” (Carlos, R. & Carlos, E., 2002). É como se estivessem cientes dessas “virtualidades aprisionadas” que existem em estado latente em cada um de nós humanos e que um dia certamente desabrocharão em nós como seres humanos “plenos”, isto é, **perfeitos**, como lembra a canção:

Só queremos a vida mais linda/Não somos perfeitos/**Ainda**
Afinal nem sabemos por que aqui estamos/E mesmo sem
saber seguindo em frente vamos/Vencemos obstáculos todos
os dias/Em busca do pão e de alguma alegria

Não podemos ser julgados pela minoria/**Nós somos do bem e o bem**
é
maioria/Somos seres humanos/Só queremos a vida mais linda/Não
somos
perfeitos/**Ainda/Só quero a verdade/Nada mais que a verdade (...)**
(Carlos, R. & Carlos, E., 2003. Grifos nossos)

Para Boff, tanto quanto para Roberto e Erasmo Carlos, parece custar caro a ideia de que o destino do ser humano, após milhões de anos de evolução, termine miseravelmente nas próximas gerações. O primeiro lança a ideia de que haverá um salto na direção de um estado de consciência e de relação com a natureza que inaugurará uma nova convergência de mentes e corações e assim um novo patamar da evolução humana e da história da Terra; os últimos referendam a mesma ideia quando criam versos como:

Não adianta me dizer/Coisas que não fazem sentido
Que tal olhar as coisas que a gente tem conseguido
E o mundo hoje é bem melhor/Do que há muito
tempo atrás/E as mudanças desse mundo/ O ser
humano é que faz

Estamos sempre em busca de uma solução/Queríamos voar, fizemos o avião/O telefone, o rádio, a luz elétrica/ A televisão, o computador,/progressos na engenharia genética Maravilhas da ciência prolongando a vida/Nós temos amor, ninguém duvida

Somos seres humanos /**Só queremos a vida mais linda**
Não somos perfeitos /Ainda
(Carlos, R. & Carlos, E., 2003. Grifos nossos)

A sensibilidade aguçada desta dupla de autores conseguiu captar que o universo é uma intrincada teia de relações onde tudo tem a ver com tudo. De que o ser humano deve conscientizar-se da sua função e missão dentro desse processo imenso, já que é uma entidade capaz de captar todas as dimensões, alegrar-se com elas, louvar e agradecer àquela inteligência maior que tudo ordena e àquele amor maior que tudo move, sentir-se um ser ético, responsável pela parte do universo que lhe cabe habitar e cuidar: a Terra (Gaia), nosso lar comum.

A manifestação do Espírito Santo se revela como energia universal que faz da criação seu templo e seu lugar privilegiado de ação. Desta forma, Eurípedes Kuhl (1995, p. 50) observa que Léon Denis (1846-1927), considerado o "consolidador do Espiritismo", diz que «A alma dorme na pedra, sonha no vegetal, agita-se no animal e acorda no homem». Isto quer dizer que o espírito enche todo o universo e empurra o ser humano para um desfecho feliz. Segundo os autores da letra da canção em análise, «Não podemos ser julgados pela minoria/**Nós somos do bem e o bem é a maioria/Somos seres humanos/ Só queremos a vida mais linda/Não somos perfeitos/Ainda**». (Carlos, R. & Carlos, E., 2003. Grifo nosso).

Considerações finais:

As letras das canções da dupla Roberto e Erasmo Carlos são uma mensagem de fé e de esperança em um ser humano melhor, percebido através do que Boff (2009) chama de «Ecologia Integral». No cenário da ecocrítica anglófona ela é conhecida como *Deep Ecology*: Naess (1973), Naess & Sessions (1984), Capra (1997), Campbell (1996). A ecologia integral, ou profunda, é um conceito filosófico que considera que todos os elementos vivos da natureza devem ser respeitados, assim como deve ser garantido o equilíbrio da biosfera. O termo surgiu quando, em 1973, foi publicado o artigo "The shallow and the deep, long range ecology movement. A summary", do filósofo e ambientalista norueguês Arne Naess.

Segundo Boff, a ecologia integral «procura ir além da ecologia ambiental, sociopolítica e mental. Ela se dá conta de que a Terra, nossa Mãe, não é tudo. Ela está inserida e é parte de um grandioso processo evolutivo que começou há 13,7 bilhões de anos atrás quando se deu aquela incomensurável explosão chamada *Big Bang*. Por um momento, estávamos todos juntos lá naquele pontozinho ínfimo em tamanho, mas cheio de energia e interações». Com a explosão, começou o processo de expansão/evolução/criação...” (Boff, 2009, p. 119).

Nas últimas cinco décadas, pelo menos, o aprofundamento do que se entende por ecologia vem se tornando um objetivo primordial para a Humanidade. Hoje não se aceita mais a ideia de que o desenvolvimento econômico e social aconteça independentemente de uma preocupação com a manutenção do meio ambiente integrado com o ser humano. Em nossos dias, então, torna-se cada vez mais urgente a busca por um desenvolvimento sustentável, com o equilíbrio entre a atividade econômica, o bem-estar social, condições de vida dignas e a preservação da natureza. O ser humano pertence a um todo maior, que é complexo, articulado e interdependente. Segundo a interpretação que o físico, ambientalista e escritor Fritjof Capra faz do texto de Naess,

A ecologia rasa é antropocêntrica, ou centralizada no ser humano. Ela vê os seres humanos como situados acima ou fora da natureza, como a fonte de todos os valores, e atribui apenas um valor instrumental, ou de ‘uso’, à natureza. A ecologia profunda ou integral não separa seres humanos – ou qualquer outra coisa – do meio ambiente natural. Ela vê o mundo, não como uma coleção de objetos isolados, mas como uma rede de fenômenos que estão fundamentalmente interconectados e interdependentes. A ecologia profunda reconhece o valor intrínseco de todos os seres vivos e concebe os seres humanos apenas como um fio particular na teia da vida. (Capra, 1997, p. 17)

Na Carta Encíclica *Laudato Si’* (2015), o Papa Francisco usa a palavra “ecologia” não no significado genérico, superficial; ele foge do conceito corriqueiro que trata simplesmente do “verde”, “meio ambiente” e desenvolve nela os pressupostos do termo “ecologia integral”, dando-lhe um sentido mais amplo, dinâmico e profundo. O sumo pontífice assume o novo paradigma contemporâneo segundo o qual tudo forma um grande todo com todas as realidades interconectadas, imbricando-se umas com as outras, captando a importância de integrar a Terra e o ser humano como um todo, de descobrir as conexões que ligam e religam todos os seres, matéria e vida, espírito e mundo, Deus e o Universo.

Em consonância com a obra musical de Roberto e Erasmo Carlos, acreditamos que talvez sejamos finalmente “perfeitos”, à imagem do Todo

Poderoso, quando selarmos uma paz duradoura com a Mãe Terra ao assumirmos a sublime missão de «cuidadores do jardim do Éden» (Boff, 2009, p. 122); quando produzirmos comportamentos que resultem no cuidado, na preservação e na potencialização desse esplendoroso patrimônio, formado ao longo de bilhões de anos. Como eles, acreditamos que seja nosso dever irrestrito passá-lo adiante para os nossos herdeiros, preservado e enriquecido, em respeito ao futuro das nossas crianças, das que já existem e daquelas que ainda não nasceram.

Referências

- Ambrizzi, T. & Araújo, M. (eds). (2014). Base científica das mudanças climáticas. In: *Primeiro Relatório da Avaliação Nacional sobre Mudanças Climáticas*. Editora da UFRJ. 464 pp.
- Boff, L. (2009). *A Opção Terra: A Opção para a terra não cai do céu*. Record.
- Bursztyn, M. & Persegona, M. (2008). *A Grande Transformação Ambiental: Uma cronologia da dialética homem-natureza*. Garamond.
- Campbell, S. (1996). The Land and Language of Desire: Where Deep Ecology and Post-structuralism Meet 124-36. In: Glotfelty, C. & Fromm, H., (eds.) (1996). *The Ecocriticism Reader: Landmarks in Literary Ecology*. University of Georgia Press.
- Capra, F. (1997). *A Teia da Vida: Uma nova Compreensão científica dos Sistemas Vivos*. Trad. N. Eichenberg). Cultrix.
- Carlos, R. & Carlos, E. (1976) *O Progresso*. CBS. [música gravada por R. Carlos].
- Carlos, R. & Carlos, E. (1978). *Panorama Ecológico* [música gravada por E. Carlos]. *Panorama Ecológico*. Polydor.
- Carlos, R. & Carlos, E. (1979). *O Ano Passado* [música gravada por R. Carlos]. *Roberto Carlos*. CBS.
- Carlos, R. & Carlos, E. (1981). *As Baleias* [música gravada por R. Carlos]. *Roberto Carlos*. CBS.

- Carlos, R. & Carlos, E. (1985). *Paz na Terra* [música gravada por R. Carlos]. Roberto Carlos. CBS.
- Carlos, R. & Carlos, E. (1986). *Apocalipse* [música gravada por R. Carlos]. Roberto Carlos. CBS.
- Carlos, R. & Carlos, E. (1987). *Águia Dourada* [música gravada por R. Carlos]. Roberto Carlos. CBS.
- Carlos, R. & Carlos, E. (1989). *Amazônia* [música gravada por R. Carlos]. Roberto Carlos. CBS.
- Carlos, R. & Carlos, E. (2003). *Seres Humanos* [música gravada por R. Carlos]. *Pra Sempre*. Sony Music.
- Cirlot, J. E. (2001). *A Dictionary of Symbols*. Trad.: Jack S. Routledge. Oxford (2010). *Dicionário Oxford Escolar* – Oxford University Press.
- Drummond, J.A. (1999). A Legislação Ambiental Brasileira de 1934 a 1988: Comentários de um cientista ambiental simpático ao conservacionismo. *Ambiente & Sociedade*, 5, pp. 223-28. UNICAMP.
- Duarte, V. (2007). Carta Aberta de Artistas Brasileiros sobre a devastação da Amazônia. Retirado de: <https://mundoeducacao.uol.com.br/redacao/carta-aberta.htm> Acesso em 23/07/2021
- Duve, C. (1997). *Poeira Vital – A Vida Como Imperativo Cósmico*. Campus.
- Ferreira, M. L. (2012). Liberdade e engajamento na obra de Roberto Carlos. *Revista Brasileira de Estudos da Canção*, 5. Retirado de: http://www.rbec.ect.ufrn.br/Liberdade_e_engajamento_na_obra_de_Roberto_Carlos Acesso em 17/07/2021
- Globonews.com. (2002). Roberto Carlos Critica Dogmas Católicos em Nova Música. *Na Mira*. Retirado de: <https://imirante.com/namira/sao-luis/noticias/2002/12/18/roberto-carlos-critica-dogmas-catolicos-em-nova-musica.shtml> (Acesso em 03/09/2021)
- Instituto Brasileiro Espaço Futuro (2018). Amazônia Conexão Global. Retirado de: <https://ibef-brasil.com.br/projeto-amazocircnia-conexatildeo-global.html> (Acesso em 19/07/2021)

- Kuhl, E. (1995). *Animais, Nossos Irmãos*. Petit.
- Lacaz Ruiz, R., Corrêa, V. F., Tavares, F.A. & Scoton, R.A. (2018). Animalização do Homem: uma Visão Ontológica do Ser Individual e do Ser Social. *Revista da USP*, 119, pp. 29-43.
- Leite, Gisele. (2018). O pós-humanismo. Retirado de: <https://www.jornaljurid.com.br/colunas/gisele-leite/o-pos-humanismo>. (Acesso em 02/08/2021)
- Le Prestre, P. (2001). *Ecopolítica Internacional*. Trad. Jacob Gorender. SENAC.
- Lovelock, J. (2006). *The Revenge of Gaia: Why the Earth Is Fighting Back – and How We Can Still Save Humanity*. Allen Lane.
- Moratelli, W. (2009). Entrevista a Erasmo Carlos. Retirado de: <http://gente.ig.com.br/materias/2009/11/13/erasmo+carlos+me+considero+o+pioneiro+nessa+arte+de+pegar+fas+9082007.html>
- Moreira, M. M. (1993). *Poder, Liberdade e Desenvolvimento: Indicações para o Debate Brasileiro*.
- Naess, A. (1973). The shallow and the deep, long-range ecology movement. A summary. *Inquiry*, 16: pp. 1-4; 95-100.
- Naess, A. & Sessions, G. (1984). Basic Principles of Deep Ecology. *The Anarchist Library*, Retirado de: <https://theanarchistlibrary.org/library/arne-naess-and-george-sessions-basic-principles-of-deep-ecology.lt.pdf> (Acesso em 13/07/2021)
- Nixon, R. (2011) *Slow Violence and the Environmentalism of the Poor*. Harvard University Press.
- Papa Francisco. (2015). *Laudato Si'* [sobre o cuidado da casa comum]. Edições Paulinas.
- Rattner, H. (1984). As empresas estatais brasileiras e o desenvolvimento tecnológico nacional. *Revista de Administração de Empresa*, 24(2): pp. 5-12.
- Ricardo, B. & Campanille, M. (2008). *Almanaque Brasil Socioambiental*, Instituto Socioambiental.

Vianna, L.B. (2016). Quarks. Retirado de:
<https://www.infoescola.com/fisica/quarks> (Acesso em 02/08/2021)

Volland, H. (ed). (2017). *Handbook of Atmospheric Electrodynamics* (volume I). CRC Press.